

Senhor Provedor de Justiça,

Senhora Secretária de Estado dos Negócios Estrangeiros e da  
Cooperação,

Senhores Vice-Presidentes da Assembleia da República,

Senhores Presidentes dos Grupos Parlamentares e Representantes  
dos Grupos Parlamentares,

Senhora Embaixadora de Israel,

Senhor Embaixador da Alemanha,

Senhoras e Senhores membros do Corpo Diplomático,

Senhor Presidente e Representantes da Comunidade Israelita de  
Lisboa,

Senhora Presidente e membros da Associação Memoshoá,

Senhoras e Senhores Convidados,

27 de janeiro de 1945.

Foi o dia em que as tropas soviéticas libertaram o campo de  
extermínio de Auschwitz.

O dia em que a humanidade deixou de poder continuar a ignorar o  
que se tinha passado.

Depois da guerra total, a humanidade via-se confrontada com o  
horror total dos campos de concentração.

Uma autêntica indústria de morte e extermínio que ceifou, de forma sistemática, a vida de milhões de judeus, de muitos ciganos, doentes mentais, homossexuais e antifascistas.

Foi de facto a banalização do mal.

Calcula-se que um milhão e meio de crianças tenham perdido a vida pela simples razão de terem nascido judias.

O holocausto foi o resultado de uma ideologia de ódio, que se consolidou pela força e pela violência mas que, não esqueçamos, atingiu o poder pela via eleitoral e contou com o consentimento e o apoio de muitos, numa sociedade culta e numa economia forte como era a Alemanha.

É por isso que é tão importante lembrar o Holocausto. Lembrar o Holocausto é lembrar que a democracia e os direitos humanos nunca são dados adquiridos, são conquistas que têm de ser defendidas e aprofundadas todos os dias.

Como diz a mensagem do Secretário-Geral da ONU para o Dia de hoje, Dia Internacional de Comemoração em Memória das Vítimas do Holocausto, «Pessoas em todo o mundo – incluindo milhões que fogem da guerra, das perseguições e das privações – continuam a sofrer discriminação e ataques. Temos o dever de relembrar o passado e de ajudar aqueles que agora precisam de nós.»

Lembrar o holocausto é também, infelizmente, lembrar a imperfeição da natureza humana e a necessidade de termos em permanente atividade sistemas de escrutínio democrático, assentes no bom princípio da separação de poderes.

O holocausto é o inexplicável, está para lá da compreensão humana, justamente porque é o horror resultante da ação humana.

«Faltam palavras na nossa linguagem para expressar esta ofensa, esta destruição de um homem», escreveu Primo Levi em *Se Isto é um homem*, ele próprio um sobrevivente de Auschwitz.

Em boa hora a Organização das Nações Unidas decidiu promover este Dia Internacional da Memória do Holocausto, que já se assinalava em vários Países, a começar pela Alemanha.

A Alemanha, aliás, ao contrário de outros países cúmplices, acabou por fazer e continua a fazer um notável esforço de memória, visível em muitas dimensões da sua vida cultural, política e educativa. Em território nacional e como se viu hoje, na inauguração da exposição, também junto de democracias amigas, como Portugal.

Mas naturalmente o instinto da sociedade alemã nos anos 50 foi muito no sentido de deixar o passado no passado.

Mas o holocausto não é passado; nunca será passado, pela forma como nos interpela como seres humanos, deste tempo e de qualquer tempo.

Nos anos 50, a sociedade alemã e a elite política democrática do pós-guerra preferiam focar-se no futuro, aproveitar o milagre económico e esquecer o passado.

Mas muitas vezes deitar o lixo para debaixo do tapete é o pior que se pode fazer.

Acho que é sempre uma má opção, em todas as mudanças de regime e em especial numa mudança política da dimensão desta que a Alemanha teve de operar.

Os Julgamentos de Nuremberga, primeiro, e muito em particular os julgamentos realizados já pelo Estado Direito democrático alemão do pós-guerra, a partir de finais dos anos 50, foram um exercício traumático mas foram um exercício necessário para a reconstrução moral da sociedade alemã do pós-guerra.

Porque além da elite política e económica julgada em Nuremberga pelo Tribunal Militar Internacional, havia que fazer um julgamento sobre a responsabilidade da sociedade alemã na ascensão do nazismo e no funcionamento da indústria da morte que o regime concebeu através dos campos de concentração.

E esse julgamento social foi feito. É o tema do filme a que vamos assistir hoje, neste dia em que evocamos, na Assembleia da República, as vítimas do holocausto.

O filme que vamos ver é também um filme alemão, de 2014, e foi indicado para o óscar de melhor filme internacional, tendo ido longe nessa competição.

Termino, enaltecendo a boa decisão que a Assembleia da República tomou em assinalar, todos os anos, este dia.

Este exercício de memória não seria, no entanto, possível sem o precioso contributo de muitas pessoas e de diversos parceiros.

Destaco o Deputado João Rebelo, a Comunidade Israelita de Lisboa, as Embaixadas de Israel Alemanha em Lisboa e o MEMOSHOA.

Agradeço a vossa atenção e a presença de todos na Assembleia da República.

Muito obrigado